

Autora: Gisele Melo Silva¹

Mestranda em Educação, Universidade de Brasília (UnB/IL/ProIC), angelicagmelos@gmail.com

Co-autora: Otilia Maria A. N. A. Dantas²

Professora da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília (UnB/FE/MTC), otiliadantas@unb.br

Orientadora: Otilia Maria A. N. A. Dantas

Professora da Faculdade de Educação, Universidade de Brasília (UnB/FE/MTC), otiliadantas@unb.br

Resumo: Periquillo Sarniento, primeira novela hispano-americana e de caráter picaresca, publicada no início do século XIX, teve como intuito ser veículo de denúncia contra os abusos políticos, religiosos e sociais pelos quais passava a sociedade mexicana, buscando instigá-la a lutar por melhoria e sanar seus males, além do objetivo principal de lograr a independência daquele país. No entanto, ao ver do autor, José Joaquín Fernández de Lizardi, isso apenas seria logrado com uma sociedade educada e, para isso, eram necessárias diversas modificações na nesta educação. Assim, essa pesquisa teve como objetivos: reconstituir a sociedade mexicana na obra de Periquillo Sarniento; analisar a influência da educação nesta sociedade e iluminista expressa na obra pesquisada. A metodologia qualitativa, constituiu-se da análise de discurso dos tomos I, II, III e IV da obra “Periquillo Sarniento” de autoria de Lizardi. O referencial teórico contou com os aportes críticos de García (2016), Mayoral (2013) e Ramírez (2016), entre outros; e reflexivos sobre educação e sociedade, de Freire (1987) e Durkeim (1985) . Os resultados apontam uma sociedade ainda presa ao pensamento colonial e à ignorância, que infligiam em forte violência na qual se constava: abusos de autoridade, corrupção e outros descasos cometidos por funcionários; os indivíduos eram passivos e havia uma forte segregação entre espanhóis, *criollos* (descendentes de espanhóis), índios e negros, que era alimentada por uma precária educação. A forte influência iluminista na obra é demonstrada por sua escrita com teor moralizante e constante quando se demonstra os erros na educação e como isso infligia na sociedade, principalmente pela falta de autonomia do ser que gerava diversos males sociais, inclusive o desenvolvimento de pícaros-personagem genérico de romances urbanos, normalmente uma criança forçada por circunstâncias adversas a sobreviver na rua utilizando de malandragens ou enganações.

Palavras-chave: Periquillo Sarniento, Lizardi, Século XIX, Sociedade Mexicana.

¹ Graduada em Letras Espanhol pelo IL//UnB; Professora do Centro Interescolar de Línguas de Brasília - SEEDF. E-mail: angelicagmelos@gmail.com

² Professora Associada I da Universidade de Brasília. PHD em Educação pelo PPGE/FE da Universidade de Brasília. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do GEPPESP (Grupo de Estudo e Pesquisa Profissão Docente: Formação, Saberes e Práticas). E-mail: otiliadantas@unb.br

Introdução: novela picaresca, iluminismo e colonialismo

No final do século XVIII, o México passava por fortes mudanças: Por um lado os Bourbons, dinastia espanhola, investiam mais autoridade em suas colônias, nas quais os espanhóis eram os únicos administradores e aos *criollos* – descendentes de espanhóis nascidos na América – lhes cabiam apenas trabalhos nas funções públicas. Por outro, a Revolução Francesa e os ideais iluministas, – fundamentados pela elite culta europeia do século XVIII e que procuravam instigar o poder da razão com o fim de mobilizar a sociedade, além de impulsionarem a ascensão da liberdade, igualdade e fraternidade, alcançando diversos intelectuais, principalmente *criollos*, – fomentavam cada vez mais o desejo por independência, progresso e luta contra os abusos sofridos e o colonialismo que ainda ditava o pensamento daquela sociedade (MORA, 2016).

Lizardi, crítico social, escritor, jornalista e pedagogo, influenciado pelo iluminismo (GARCÍA, 2016), foi um desses intelectuais que, na busca pelo progresso e a independência mexicana, expôs a sociedade, junto aos seus males e os abusos sofridos por ela, a fim de instigá-la a lutar contra ambos e contra seus próprios equívocos, com os quais apenas seriam sanados mediante uma melhor educação. Para tanto, utilizou a novela picaresca por ser ela um meio de crítica contra as entidades governamentais e sociais na Espanha, o que veio a tornar-se posteriormente o principal tipo de obra utilizada como forma de protesto contra os abusos sociais em hispano-américa, sobretudo contra o poder colonial espanhol (MAYORAL, 2013). Logo, Lizardi utiliza como personagem principal um pícaro, que após cometer diversos abusos contra a sociedade, por sua precária educação e necessidade de sobreviver, nos conta sua história em primeira pessoa, já idoso, em um contexto bibliográfico, após arrepender-se de seus falhos. Tais características da novela picaresca permitiram a Lizardi abordar sobre toda a educação do protagonista e como a sociedade estava influenciando nela; ademais, a escreveu com uma linguagem simples, popular e repleta de desenhos, em forma de protesto contra a linguagem peninsular rebuscada e buscando atingir a camada menos favorecida, constituída, majoritariamente, de analfabetos.

Metodologia

Essa é uma pesquisa de natureza qualitativa que baseou-se na análise do discurso, discutida por Ramalho e Resende (2011), dos quatro tomos da obra *Periquillo Sarniento*, de Lizardi, junto aos aportes teóricos críticos sobre a novela de García (2016), Mayoral (2013) e Ramírez (2016); e reflexivos sobre educação e sociedade de Freire (1987), Durkheim (1985) e outros. Teve como

objetivo geral identificar como era a sociedade na obra de Periquillo Sarniento e como a educação influía nela, além de identificar a influência iluminista na obra. Como objetivos específicos, buscou analisar como era constituída a sociedade e seus principais pensamentos e identificar como era dada a educação naquele âmbito social.

Cabe destacar a importância da análise do discurso na obra, uma vez que Lizardi, ao escrever sua novela com o intuito de criticar a sociedade e a educação por ela recebida, o fez utilizando a novela picaresca com teor moralizante, colocando de forma quase despercebida seus reais objetivos e denúncias, logo, não basta entender o que Lizardi escreveu, mas analisar qual foi seu objetivo com aquele enunciado.

Resultados e discussões

Na análise da obra foi percebido que Lizardi aponta dois problemas como causas dos males pelos quais passava a sociedade mexicana: um era o pensamento colonialista da população, que impedia a sua emancipação e que ela progredisse, e o outro era a educação que mantinha a população passiva, ignorante – contrariando os ideais iluministas de uma sociedade autônoma e crítica –, o que produzia diversos problemas como a violência e os abusos por parte dos funcionários públicos.

Na obra, Lizardi relaciona esse pensamento colonialista diretamente aos gastos supérfluos – como as exageradas festas, jogos e pernoites em festas que mantinham a população alienada– e, principalmente, ao pensamento retrógrado que colocava os trabalhos ditos “de ofício” como indignos, causando “las condiciones miserables del país, por sus sandeces, sus extravagancias y la estúpida vanidad de todos sus miembros que desdeñaban los oficios y otras ocupaciones honradas” (SPELL, 2016, p. 226). Procede, o autor, da mesma forma com a força eclesiástica, que forçava a população a aceitar o que era dito e feito pelos clérigos como verdades absolutas, levando-a a não se questionar também em outras áreas.

Se, para Rousseau grande filósofo e pedagogo iluminista, deve-se separar a criança da sociedade para explicar como deve ser sua educação, uma vez que aquela a deturpava, pois “Se o homem é bom por natureza, segue-se que permanece assim enquanto nada de estranho o altere” (ROUSSEAU, apud ARANHA, 2001, p.178); na obra Periquillo Sarniento, vemos que era colocando-a no meio social que poderíamos ver esses males e saná-los, pois contrariamente ao

filósofo o ser era educado não para tornar-se um homem, um indivíduo, mas sim, um cidadão, que naquele momento lutaria por progresso social e pela independência junto à sociedade.

Por conseguinte, é imprescindível que na obra, Lizardi aborde a educação recebida desde o seio familiar. Contudo, diferente de um meio pobre, sem família e dependente de um mestre, como era colocado comumente os protagonistas nas novelas picarescas, *Periquillo Sarniento*, protagonista da novela, nasce em uma família de sociedade média, cuja criação estava influenciada pelo colonialismo e uma educação tradicionalista, que o fazia pícaro e dependente de um mestre, por exemplo, como se transforma Januário, ou de conselheiros, como Martín Pelayo, ambos amigos de *Periquillo*.

A educação de *Periquillo*, dada pela mãe, a qual representa na obra os ideais colonialistas, faz com que ele cresça sem limites, uma vez que em suas veias “corre la ilustre sangre de los Ponces, Tagles, Pintas y Velascos” (LIZARDI, 2015a, p.34). A falta de limites desencadeia a falta de autonomia, como bem é abordado por Kant citado por Aranha (2001, p. 122) quando destaca que “Afinal, para se tornar adulto, ela aprende a lidar com seus próprios desejos e a conhecer os limites para ser dona de si”. Essa ausência de autonomia desencadeada pela sua educação, uma vez que o homem é fruto da educação que recebe (KANT, 2005), coloca *Periquillo* em uma complicada situação quando adulto, por sempre seguir seus desejos e pelo ideal colonialista ainda dominante sobre as pessoas, uma vez que o trabalho colocado na obra como ofício – relativo aos manuais como pedreiro e cabelereiro –, era visto como de inferior importância, diferente dos funcionais, como médico, advogado e juiz: “[...] ¿qué destino había de hallar que fuera compatible con mi inutilidad y vanidad que fundaba en mi nobleza y en mi retumbante título hueco de bachiller en artes, que para mí montaba tanto como el de conde o marqués?” (LIZARDI, 2015a, p.16).

É de suma importância recordar que apesar dos pensamentos iluministas sobre educação, liberdade e emancipação (ARANHA, 2001), a mulher ainda era colocada como inferior, tanto que poucas vezes age no enredo; normalmente são personagens ínfimos tanto ao contexto da obra quanto à sociedade. A mãe de *Periquillo*, por exemplo, é colocada como menos sensata, sendo necessário o pai zelar sobre a educação do filho e a educação dada pela esposa ao filho, como pode ser visto constantemente nesse escrito de Lizardi. Isso aponta à prisão colonial em que estava a mente da mãe, em contraste aos pensamentos iluministas do pai: “Para él la dignidad de un individuo ya no estaba en la nobleza de su sangre, sino en su buena conducta y en la utilidad que le pudiera prestar a la sociedad por medio de su trabajo” (RAMÍREZ, 2016, p.92). Por isso, tanto para o pai quanto para Lizardi (2015b, p. 100):

[...] el ser ocioso es inútil, es el peor destino que puede tener el hombre; porque la necesidad de subsistir y el no saber cómo ni de qué, lo ponen como con la mano en la puerta de los vicios mas vergonzosos, y por eso vemos tantos drogueros, tantos rufianes de sus mismas hijas y mugeres, y tantos ladrones; y por esta causa tambien se han visto y se ven tan pobladas las cárceles, los presidios, las galeras y las horcas.

Por conseguinte, Lizardi nos mostra um pensamento iluminista já bastante em voga, em que o ócio, na obra instigado pelo raciocínio colonialista que reprimia o trabalho de ofício, e a falta de recursos para financiar estudos – além de que, os que podiam tinham uma educação retrógrada –, colocavam o homem na beira de necessidades que, para saná-las, se entregava a diversos vícios e à violência.

O segundo motivo para os males sociais naquele meio estava relacionado à educação. Como pudemos ver, ela era dada pelos pais de *Periquillo*, e era baseada, entre outros, no excesso de liberdade que dificultava o desenvolvimento da autonomia, o que é feito também por seus mestres.

A obra destaca fortemente esse profissional, uma vez que no iluminismo ele era um dos principais responsáveis pela formação do indivíduo junto à família e, segundo Rousseau (apud ARANHA, 2001), era uma das influências na formação de atitudes da criança. Assim, na obra ele é destacado não só por suas atitudes como também pela sua formação e ignorância, pois “la preparación de gran parte de los maestros era pobre, deficiente y escasa” (GARCÍA, 2017, p.179). Logo, no romance há uma caricatura daqueles vistos como maus professores. Entre as diversas criticas a esse profissional estão a falta de ética, a ignorância, a permissividade, a ira e a falta de conhecimento sobre o iluminismo, que se torna evidente no terceiro professor de *Periquillo*.

O primeiro professor de *Periquillo*, vemos o estado alarmante em que se encontrava a sociedade. O sujeito, sem conhecimentos suficientes, utilizava-se da profissão docente, como saída às suas necessidades. Ainda que sem qualquer inclinação ou motivação para tornar-se melhor pois “era un pobre, y emprendió este ejercicio por mera necesidad, y sin consultar su inclinación y habilidad; no era mucho que estuviera disgustado como estaba, y aun avergonzado en el destino” (LIZARDI, 2015a, p. 13). “Por otra parte, mi maestro carecía de toda la habilidad que se requiere para desempeñar este título. Sabía leer y escribir, cuando más, para entender y darse a entender; pero no para enseñar. No todos los que leen saben leer”. (LIZARDI, 2015a, p.15).

O segundo professor era um **tirano** pois gritava constantemente com os alunos, por mera ignorância, e sem saber como instigá-los a aprender e a comportar-se. Ele usava a violência afastando ainda mais os alunos da aprendizagem destacando que “Todo lo erraba, no por falta do aplicacion, sino por sobra de miedo” (LIZARDI, 2015a, p. 25). No decorrer da obra perceberemos

que, para Lizardi, um dos principais motivos da violência é justamente a ignorância, como foi com seu último professor que, educado mediante os conhecimentos iluministas, era um professor bom, sensato, que não gritava com os alunos nem os castigava. Consequentemente, era respeitado pelos estudantes não porque os obrigava, mas por se sentiam instigado a fazê-lo.

Como foi dito acima, esta mesma educação dada pelos primeiros professores, encontrava-se calcada no ensino tradicionalista alicerçada na memorização, em conteúdos dispersos à sociedade, sem importar-se com os sentimentos dos alunos, sem instigá-los a pensar e com uma didática ainda retrógrada:

Ordinariamente se contentan los maestros con enseñar á sus discípulos una multitud de reglas que llaman palitos, con que hagan unas cuantas oracioncillas, y con que traduzcan el Breviario, el Concilio de Trento, el catecismo de San Pió V, y por fortuna algunos pedacillos de la Eneida y Cicerón. Con semejante método salen los muchachos habladores y no latinos, como dice el padre Calusanz en su Discernimiento de ingenios. Tal salí yo, y no podía salir mejor. Saqué la cabeza llena de reglitas, adivinanzas, frases y equívocos latinos; pero en esto de inteligencia en la pureza y propiedad del idioma, ni palabra. (LIZARDI, 2015b, p.133)

Para Kant (2005) o ensino deveria preocupar-se em desenvolver o pensamento e a criticidade da criança, pois estes são fatores principais ao desenvolvimento da sua autonomia, por isso a necessidade de *Periquillo* de um mestre e os constantes conselhos que pede. Ademais, ao estudar Paulo Freire (1987) vemos esse mesmo ensino baseado na memorização, repetição e sem a construção da criticidade, denominado de **bancário**, alimenta a sociedade, em uma inércia que apenas o ensino crítico e empático junto à sociedade poderia provocar o progresso. Eis o temor de Lizardi nesse ensino, criticado pelos iluministas, que educava o ser para inseri-lo na sociedade, não para, na medida que o inserisse, ajudar a formar sua autonomia. García (2017) analisando a obra de Lizardi aponta sua criticidade quanto à ausência de conteúdos civis, éticos e políticos que, para o autor iluminista, impedia a sociedade de emancipar-se, de tornar-se crítica e lutar por seus direitos como destaca que “los ciudadanos han de conocer de asuntos legales y civiles; no como un jurista o como un político, pero sí lo suficiente para poder ejercer mejor sus deberes, reclamar sus derechos y apreciar los principios que se encarnan en la sociedad en que viven” (LIZARDI, apud GARCÍA, 2017, p.114). Pois a ausência de tais conhecimentos também alimentava a apatia social, na qual estavam calcados os funcionários apáticos aos problemas sociais e os corruptos.

Quando estudamos o conceito de sociedade em Durkheim (1985) vemos que a obra *Periquillo Sarniento* descreve uma sociedade de solidariedade orgânica, individualista, corrupta e violenta. Segundo o sociólogo, em conformidade com as ideias de Rousseau, a sociedade influi na

educação de **novos membros**, uma vez que como coletividade prevalece sobre o indivíduo e os instiga a comportar-se, de certa maneira, comum aos seus comportamentos e suas formas de pensar, por isso, por um lado, a necessidade de Rousseau em separar o indivíduo do meio social, por outro, a necessidade de Lizardi em demonstrá-la, a fim de influenciar na educação não só do indivíduo, como propunha Rousseau, mas de toda a sociedade.

Para Lizardi a sociedade estava presa não só a costumes coloniais (GARCÍA, 2016), como evidenciados anteriormente, mas também a uma forte passividade que aceitava os abusos sofridos pelas autoridades e funcionários, o que retrata no decorrer da obra diversos momentos de violência por causa da ignorância da população, que não sabia portar-se, que não tinha empatia pelos indivíduos, não conhecia seus direitos e deveres e, ainda, pela pressão eclesiástica, que fazia com que a população aceitasse tudo como verdade e, na época, colocava a Constituição como herética, cabendo como única verdade a Bíblia (GARCÍA, 2017).

Na obra a escola alimenta o comportamento social passivo e violento por não estimular a empatia e a criticidade entre os educandos são constantes. Suas críticas giram em torno, principalmente, dos funcionários, na época, em maioria, *criollos*, o mesmo grupo que estava à frente da luta por independência da população mexicana (MAYORAL, 2016). Entre os funcionários constavam médicos, professores, delegados, todos violentando à sociedade. Um exemplo, em tal contexto, são os médicos e enfermeiros que deveriam zelar por seus pacientes, mas não se atentam à medicação dada aos enfermos e outras vezes dão a mesma medicação a todos. *Periquillo* relata que ouviu um homem gritar por estar morrendo, então chama os enfermeiros que fingiam dormir para não atender ao paciente (LIZARDI, 2015b, p.59). Situação parecida ao sistema carcerário: quando preso, por confiar em Januário, mesmo ele já demonstrando não ser confiável a *Periquillo*, um carcereiro lhe cobra uma propina chamada “patente”. Não tendo dinheiro, sofre agressão física. Nessa cadeia havia vários homens, porém majoritariamente negros e índios, mostrando uma forte desigualdade social, que acompanhava *Periquillo*.

A imputação de delitos a um inocente é comum na obra e por várias vezes é feita a um índio, que, como dito anteriormente, junto aos negros, compõe grande parte da população carcerária. Inclusive chega o próprio *Periquillo* a fazê-lo, e também escravos, como um que liberta a um ladrão que cumpriria vários anos, para atender ao pedido da irmã deste, colocando em seu lugar um índio: “unció con éste a un pobre indio que habia caído allí por borracho y aporreador de su muger” (LIZARDI, 2015b, p. 165). Na obra, os escravos, de modo geral, não têm bons escrúpulos, tendo em vista que “Uno de los deberes de este empleado consistía en tomar las declaraciones a los

detidos, las que eran siempre redactadas según convenía a los intereses del escribano, cuya influencia se hizo tan conocida, que la frase 'En el Escribano está todo' la sabían de memoria hasta los niños" (LIZARDI, 2015b, p. 190).

Por outro lado, havia o restante da sociedade, não composto pelos violentos, mas majoritariamente pelos violentados a maior parte deles analfabetos que, por ignorância, por não saber questionar e impor-se, era alvo de violência, uma vez que “é mais difícil explorar um camponês que saber ler do que um analfabeto” (DIDEROT, apud ARANHA, 2001, p.121). *Periquillo* ora é muito pobre, ora é muito rico e, ao invés de compreender os demais, torna-se também opressor, torna-se um abusador da sociedade e corrupto. *Periquillo* não tem caráter, não por ser mau, mas por não o ter construído, pois o diz, “vivi como un mero animal, sin saber lo que importaba saber” (LIZARDI, 2015c, p. 33). É dessa forma que, de oprimido, pelos professores, por carcereiros, por escritvães etc., Lizardi torna-se opressor. Rouba o diploma de um médico e, fazendo-se passar por profissional, engana a população e começa a tratar mal os pobres que pagavam as consultas com galinhas e outras coisas. Tal era a ignorância da população que, após a morte de várias pessoas, *Periquillo* não se importa porque a maioria era composta de pessoas humildes e aponta como única causa a vontade de Deus, sem haver questionamentos por parte da população.

Ainda havia outro tipo de violência colocada na obra, a violência contra si mesmo. Como já dito, o colonialismo ditava o comportamento e o pensamento daquela sociedade, o que colocava os trabalhos de ofício como se não fossem dignos. A sociedade, na tentativa de fugir desse trabalho e alimentada pelo estado em que estava, entrega-se, em parte, ao ócio, e outros membros, mesmo realizando esses trabalhos, estavam juntos àqueles, entregando-se a vícios. Freire (1987) nos relata o mesmo ocorrido com uma população de camponeses que, não tendo autoestima e dando-se o conceito de baixo valor frente ao opressor, entregava-se ao alcoolismo exacerbado; era uma população que não creia em si, que estava presa a uma “crença difusa, mágica, na invulnerabilidade do opressor” (FREIRE, 1987, p.29) e na sua vulnerabilidade, o mesmo que ocorre em *Periquillo*, sustentado pelo conceito de mais valia herdado do colonialismo, cujos trabalhadores julgados importantes não se prestavam a ofícios, enquanto outras funções eram difícil de serem alcançadas, à causa do ensino tradicionalista e a precária condição de grande parte da sociedade em financiar o ensino.

Por fim, a última violência que a ignorância e o pensamento colonialista, por isso ainda escravista, mostram na obra é o racismo tão comum nas colônias espanholas (MAYORAL), como

podemos ver na prisão pela qual passa *Periquillo* e ocorre também em certo caso em que um inglês discrimina a um negro por um mero *encontrazo*, mas acaba percebendo seu erro quando o negro, tendo a oportunidade de matá-lo em um duelo, não o faz, por isso, para Lizardi (2015d, p.219) “es una estupidez despreciar al negro por ser negro, una crueldad comprarlo y venderlo y una tiranía matarlo”.

Conclusão

Descobriu-se que na obra de Lizardi não haver como separar educação e sociedade, pois ambas influem uma na outra. A sociedade educa assim como a escola o faz, porém, a última consiste na obra como um centro que legitima essa sociedade, que não a emancipa, tanto individualmente como territorialmente.

Para Lizardi, havia dois motivos principais para o mal social: um era a educação dada pelos pais e os professores, cujo ensino tradicionalista não desenvolvia o aluno, não o preparava para ser cidadão e nem lhe desenvolvia a empatia para com os demais, tampouco lhe ensinava a pensar, o que alimentava a passividade da sociedade. Por outro lado estava o pensamento colonialista da sociedade, entregando-se ao ócio e desprezando os trabalhos chamados de ofício. Ambos elementos geravam diversos males à sociedade, como a violência, além de propiciar o surgimento de pícaros.

Os problemas educacionais apontados na obra mostraram-se ser veículo da passividade nesta sociedade, que, ademais, não criticava e não se opunha. Essa ignorância alimentada pela educação gerava a violência, tema tão comum na obra, principalmente de funcionários públicos contra a sociedade abusando constantemente desta, inclusive a agredindo por causa da ignorância e passividade da população que mantinha tal violência. Outras violências relacionavam-se àquela que a sociedade propugnava contra si, como por exemplo o alto e descontrolado nível de alcoolismo e a autodepreciação proveniente do pensamento colonialista que concebia suas profissões como inferiores, além do ócio ainda impregnado que levava à alienação.

Portanto, *Periquillo Sarniento*, mais que apenas o primeiro romance hispano-americano e de característica picaresca, é um romance de protesto que busca mostrar à sociedade os abusos e os diversos tipos de violência que sofria causados pela precária educação recebida. A luta de Lizardi nesta obra destinou-se ao seu desejo que a sociedade se erguesse e lutasse contra estes males. A obra em tela nos leva a questionar nossa sociedade atual e a educação recebida, ainda mais quando Freire, quase 200 anos após a primeira publicação de *Periquillo*, faz as mesmas críticas contra a

educação e o cidadão do século XX. Estudar a obra *Periquillo Sarniento*, assim, é uma oportunidade de refletir sobre a sociedade, não só a do passado, também a atual, principalmente a brasileira na qual a precariedade na educação caminha junto ao aumento de violência, corrupção e sucateamento nos serviços públicos, tal como na obra de Lizardi.

Referencias

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ªed.São Paulo: Editora Moderna, 2001.

DURKHEIM, E. **La división del trabajo social**. Barcelona: Editora Planeta-Agostine, 1985

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA, Hernández Jesús. **Ilustración y educación en la primera infancia.Un ejemplo: Fernández de Lizardi**. Revista de Educación, 341. Septiembre-diciembre 2006, p. 495-515.

Disponível em: <http://www.revistaeducacion.mec.es/re341/re341_21.pdf. Acessado em: 20/03/2016.

_____.**Fernández de Lizardi y la necesidad ilustrada de la educación civil y política**. vol.38 n.1 Ovideo: Aula Abierta, 2010.p.109-120. Disponível em : <digibuo.uniovi.es/dspace/handle/10651/26922> Acesso em: 13 /03/2017.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIZARDI, José Joaquín Fernádes de. *El Periquillo Sarniento*: Tomo I. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em:< <http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-periquillo-sarniento-tomo-i/> > Acesso em: 12/06/2015a

_____. **El Periquillo Sarniento: Tomo II**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-periquillo-sarniento-tomo-ii/>> Acesso em: 12/06/2015b

_____. **El Periquillo Sarniento: Tomo III**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-periquillo-sarniento-tomo-iii/>> Acesso em: 12/06/2015c

_____. **El Periquillo Sarniento: Tomo VI.** Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/el-periquillo-sarniento-tomo-vi/>>
Acesso em: 12/06/2015d

MAYORAL, Maria Rosa Palazóm. **Periquillo Sarniento; sarna pícaro o sarna culposa?** 1ª ed. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2013.

MORA, Sonia Marta. **Para una lectura de El Periquillo Sarniento** de Lizardi. Revista de Letras, online. Universidade Nacional de Costa Rica, Vol. 2, Núm. 6-7, 1980. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/letras/article/view/4343/4173>>. Acessado em: 12/09/2016

RAMÍREZ, Emma. **Ilustración y dominación: El Periquillo Sarniento bajo el Siglo de las Luces.** Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey, núm. 21, 2006, pp. 65-103. Disponível em : < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38402104>> Acessado em: 23/12/2016

SPELL, J. R. **.La sociedad mexicana juzgada por Fernández de Lizardi.** Anales del Museo Nacional de México, Vol.4, 1927. Disponível em:
<<https://revistas.inah.gob.mx/index.php/anales/article/view/6973/7816>> Acessado em: 26/10/2015

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.